

RESENHA DE: ROBERTS, Andrew. A tempestade da guerra: uma nova história da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Record, 2012, 814 p.

João Arthur Ciciliato Franzolin*

Não são poucos os historiadores que consideram os eventos da Segunda Guerra Mundial, além de suas causas, como suficientemente estudados. De fato, a quantidade de trabalhos sobre o tema, acadêmicos ou não, cresce a cada ano. No entanto, poucos são aqueles que distinguem-se do conjunto, o que não é o caso do livro de Andrew Roberts, “A tempestade da guerra”. Fruto de ampla pesquisa bibliográfica, suas mais de 800 páginas pretendem estabelecer, como afirma o subtítulo, uma nova compreensão a respeito do conflito de 1939-1945, mas graves falhas acometem a obra como um todo.

Escrito por Andrew Roberts, historiador formado pela Universidade de Cambridge e publicado originalmente em 2009, pela Penguin inglesa e em 2012 no Brasil pela Record, o livro foi largamente aplaudido por especialistas importantes como Michael Burleigh e Richard Overy como uma nova contribuição para a já extensa bibliografia sobre o assunto, o que é passível de contestação. Com o nome retirado de discurso de Winston Churchill datado de 1940, a obra encontra-se repartida de maneira tradicional, ou seja, em ordem cronológica aos eventos do conflito global. Tal divisão já reflete a estrutura do texto vindouro, apoiado em maciça descrição de eventos e batalhas. Por sinal, este é um dos muitos defeitos da obra de Roberts: procurou-se dar atenção demasiada a aspectos militares e políticos em detrimento de tantos outros igualmente importantes, como questões sociais e propagandísticas, dentre outras, como havia feito em 2006 seu compatriota Norman Davies (2009).

Depois de um prefácio com os agradecimentos e a listagem de museus e instituições visitadas por Roberts em toda a Europa (nos quais não houve qualquer contato do historiador com fontes primárias em língua alemã, russa, italiana, japonesa ou francesa, salvo as escritas em inglês) inicia-se o texto principal composto de três partes, intituladas “Ataque”, “Virada” e “Desforra”, cada uma delas composta de seis capítulos, contabilizando dezoito, além de um prelúdio e uma conclusão. Procurou-se estabelecer a cronologia de forma a abarcar os acontecimentos de acordo com a ascensão, apogeu e queda da Alemanha e Japão, provocadores do conflito.

* Mestre em História - Doutorando – Instituto de História e Pós-Graduação em História Comparada. E-mail: joaoarthurfranz@gmail.com

No prelúdio, intitulado “O Pacto”, cujo título provém da assinatura do pacto de não-agressão nazi-soviético de 1939, Roberts escreve a respeito dos antecedentes da Segunda Guerra Mundial na Europa, focando exclusivamente as ações da Alemanha, tais como a ocupação da Renânia, o Anschluss (união) com a Áustria e a ocupação dos Sudetos tchecoslovacos. Não são trazidos novos fatos sobre tais episódios. Além disso, fica aparente no prelúdio tendência de Roberts para a simplificação e o reducionismo de fatos importantes a casos anedóticos. Assinalando em certo ponto que a decisão de Hitler de afastar os generais Blomberg e Fritsch e assumir o comando supremo das Forças Armadas se deu unicamente por escândalos causados pelo envolvimento destes militares com “uma ex-prostituta e de um ardiloso garoto de programa” (p. 44), em vez de equacionar outros motivos para o fato, dá exemplo de tal prática, que se repete com frequência em outras partes da obra.

Abrindo a primeira parte, “Ataque”, “Quatro Invasões” narra a invasão da Polônia, Noruega e Dinamarca pelos alemães e a da Finlândia pelos soviéticos. Neste capítulo observa-se a obsessão de Roberts pela ideia da tática militar da “Blitzkrieg” (guerra-relâmpago) como fundamental para a vitória alemã principalmente na Polônia, já que o país supostamente possuía condições ideais estratégicas para tanto (p.55). Muito pelo fato de apenas citar livros escritos por anglo-saxões ou traduzidos para o inglês, o autor desconhece pesquisas recentes na área, tal como a do historiador alemão Karl-Heinz Frieser, o qual considera a ideia da Blitzkrieg um mito criado particularmente após a queda da França e empregado a partir daí nas campanhas dos Bálcãs e URSS (FRIESER, 1996).

“*Führer*, o imperador”, coloca em questão a vitoriosa campanha alemã de 1940, quando foram derrotadas Holanda, Bélgica, Luxemburgo e, finalmente, França. Tal como já acontecia no primeiro capítulo, apenas são narrados fatos e acontecimentos, bem ao gosto da história militar, com abundância de dados sobre movimentação de tropas. Mais uma vez, o completo desconhecimento de obras historiográficas alemãs e outras empobrece o texto, o que leva Roberts a repetir e citar incessantemente dados conhecidos e questões já lançadas por autores como Richard Evans, Ian Kershaw, Richard Overy, dentre outros. Atividades importantes para a condução da guerra no período são completamente ignoradas, como a propaganda, justamente alvo da produção historiográfica recente (VOLKMANN; MÜLLER, 1999).

O terceiro capítulo, “A ilha da última esperança”, traz novos problemas. O autor revela uma postura apologética para com a Inglaterra (o que já demonstra o título) e Winston Churchill, primeiro-ministro inglês, aos quais lança infundáveis elogios. Tal questão lança dúvidas sobre a atuação de Roberts enquanto historiador, haja vista sua completa parcialidade em relação aos acontecimentos. Assim, na página 148, a respeito dos comentários de Churchill sobre os pilotos que lutaram na chamada “Batalha da Inglaterra”, lê-se: “Naturalmente, o primeiro-ministro exaltou a bravura dos jovens pilotos e lhes ofertou seu mais precioso presente: uma frase imortal.” As exaltações à Grã-Bretanha e ao premiê continuam por todo o volume. Curiosa ainda é a assertiva de que a batalha aérea sobre os céus ingleses teria resultado no “[...] primeiro embate em que os Aliados saíram vitoriosos contra os germânicos.” (p. 147), sendo que pesquisas recentes como a de Richard Overy (a qual inclusive consta da bibliografia do autor) apontam para o fato de que o combate teria sido apenas um empate entre as duas forças, já que nem os germânicos poderiam invadir a Inglaterra, nem os britânicos atacar a Europa ocupada (OVERY, 2000).

A contenda entre ingleses e alemães no norte da África, bem como as operações nos Bálcãs é o tema do quarto capítulo, “Lutando pelo litoral”, que ressalta os feitos do general Rommel contra as forças do Commonwealth britânico, que sofreram pesados revezes. Mais uma vez, a descrição de fatos e batalhas domina a narrativa.

Mas é no capítulo subsequente que surgem renovadas dificuldades. “Chutando a porta”, dedicado à chamada Operação Barbarossa, a invasão da URSS, é pontilhado por afirmações extraídas do *Mein Kampf* (Minha Luta), mistura de autobiografia e programa político escrito por Hitler nos anos 1920, que afirmava ser a conquista da Rússia objetivo principal para a sobrevivência do povo alemão no futuro (p. 187, 188). Embora Hitler realmente tenha expressado tais desejos em seus escritos, não se pode simplesmente condicionar toda a estratégia do exército alemão de 1941 a partir das afirmações do livro programático do ditador, o que mais uma vez demonstra a tendência de Roberts para a simplificação e reducionismo históricos.

Deslocando-se da Europa para o conflito no Extremo Oriente, “O Tufão de Tóquio” relata como os japoneses atacaram Pearl Harbor e obtiveram supremacia nas águas do Pacífico, chegando a ameaçar possessões americanas e inglesas. Como já se afirmou, falta bibliografia de historiadores japoneses, o que coloca o escopo do texto ao lado dos Aliados e, principalmente, da sempre louvada Inglaterra.

A segunda parte, “Virada”, se inicia com uma explanação detalhada dos horrores cometidos por unidades de extermínio da SS no leste, bem como detalha passo-a-passo a idealização e construção do cruel sistema de extermínio da população judaica e o porquê dos Aliados terem se omitido do bombardeamento dos campos de concentração quando era possível fazê-lo, em “Vergonha eterna da humanidade”. Muito embora se utilize de bibliografia já conhecida, como a obra de Saul Friedländer (2007), Roberts consegue trazer para o leitor comum um resumo da aniquilação sofrida por judeus e outros grupos nas mãos dos nazistas.

Já “Cinco Minutos em Midway” retoma acontecimentos que levaram à destruição de boa parte da frota japonesa de porta-aviões pelos norte-americanos na citada ilha do título, dando a estes últimos a primazia no Oceano Pacífico.

“Meia-noite nos Jardins do Diabo” refere-se à batalha de El Alamein e à primeira vitória inglesa conquistada na guerra, quando o Afrika Korps de Rommel foi derrotado e forçado a recuar até a Tunísia, onde foi enfim capturado por tropas anglo-americanas.

A batalha de Stalingrado sempre cativou a imaginação de historiadores e do público leigo como o combate decisivo da guerra, na qual a Alemanha perdeu grande quantidade de materiais e soldados. Ela é o tema de “A mãe-pátria sobrepuja a pátria prometida”. Juntamente à descrição do andamento da batalha, chama a atenção dois problemas principais na composição do texto: o primeiro deles refere-se ao excessivo valor dado a generais como articuladores dos acontecimentos, como se dependesse somente deles a vitória ou derrota em batalha, algo que também permeia toda a obra. O segundo é precisamente o fato desta abordagem estar na contramão da pesquisa mais recente sobre a peleja, que tende a enfatizar o estudo da correspondência de guerra para entender como pensava e agia o soldado comum diante de tal situação (WETTE; UEBERSCHÄR, 2003).

O próximo capítulo, “As ondas no mar e no ar” trata não apenas da difícil batalha do Atlântico, na qual o emprego de submarinos pelos alemães tornou a luta ainda mais renhida, como também da eficácia do sistema inglês de informações Ultra, o qual decifrou com sucesso o código de criptografia Enigma, usado pelo estado-maior das Forças Armadas do Reich.

“Virada” termina com o capítulo “Galgando a península com cintura de vespa” que relata a abertura da segunda frente na Itália pelos anglo-americanos e as

dificuldades logísticas e militares para conquistar as posições alemãs na península em forma de bota. Vale ressaltar mais uma vez a abundância de fatos e informações militares, que acaba tornando a leitura por vezes enfadonha.

A ofensiva final das Nações Unidas contra Japão e Alemanha ocupa os seis capítulos restantes componentes de “Desforra”. O primeiro deles, “A inversão de salientes”, aponta a chamada “Batalha de Kursk” como ponto de inflexão para o Exército Vermelho, pois foi a partir dela que a URSS passou à ofensiva, em um avanço que só terminou com a conquista de Berlim, em 1945.

Uma das abordagens mais interessantes de Roberts em todo o livro é o capítulo 14, “A cruel realidade”, que relata os bombardeios indiscriminados perpetrados pelos alemães, ingleses e americanos em estágios diferentes da guerra. De fato, o autor discute a culpa de ambos os lados no conflito, embora acredite que pesados ataques como o de Dresden em 1945 sejam justificáveis, pois impediu revanchismo alemão no pós-guerra. Além disso, mais uma vez o autor se apressa em louvar a capacidade britânica de resistir, pois o ataque alemão à Ilha, conhecido como Blitz, não teria “[...] alquebrado o moral da população como pretendia – na realidade, chegou a fortalecê-lo” (p. 526-527), ao passo que sobre a Alemanha “foram despejadas 955.044 toneladas de bombas pelo Comando de Bombardeiros durante a guerra e, decerto, elas tiveram efeito desmoralizador” (p.527), quando na verdade os ataques também não tiveram tal efeito entre a população germânica, que teve uma reação próxima da inglesa (SÜSS, 2011).

O Dia-D e a invasão da Normandia pelos Aliados ocupa papel central em “Conquista normanda”, que continua a apresentar dados militares e acentuar o papel de generais e políticos no resultado da batalha.

O texto segue com o capítulo “Abordagens pelo Oeste”, que descreve o avanço final dos Aliados ocidentais Alemanha adentro, enquanto “Abordagens pelo Leste” demonstra o lado soviético, novamente sem acrescentar nada que já não se saiba a respeito.

Por fim, “A terra do sol poente” apresenta as condições em que o Japão foi finalmente derrotado em batalhas como Iwo Jima e Okinawa e enfim prostrado com o lançamento de bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki.

A conclusão de Roberts, “Por que o Eixo perdeu a Segunda Guerra Mundial?” é o ponto mais fraco de toda a obra, por um motivo simples. Roberts passa a se basear em conjecturas e na chamada “História Contrafactual”, que nada tem de histórica,

afirmando que caso Hitler tivesse escutado seus generais e não ter travado uma guerra ideológica, a Segunda Guerra Mundial teria tido outro rumo. Sua conclusão, dessa forma, se apoia tão somente em especulações, algo que escapa ao ofício de historiador.

No cômputo final, a obra de Roberts tem muito pouco ou quase nulo valor historiográfico. Seus problemas, aqui já apontados, são diversos: gosto pelo anedótico; nenhum uso de fontes ou bibliografia em outras línguas que não o inglês; mera miscelânea bibliográfica; exaltação constante da Inglaterra; utilização de memórias de generais e líderes políticos de forma indiscriminada, sem problematização; descrição enfadonha de batalhas e equipamentos militares sem qualquer fim específico; apelo ao uso da chamada “História Contrafactual”, que não possui nenhum valor histórico por se tratar de mera conjectura. Seria portanto o livro de Roberts “uma nova história da Segunda Guerra Mundial” como apregoa seu subtítulo? A não ser que levemos em consideração sua data de publicação, a resposta é um sonoro não.

BIBLIOGRAFIA:

DAVIES, Norman. *Europa na guerra 1939-1945*. Uma vitória nada simples. Rio de Janeiro: Record, 2009.

FRIEDLÄNDER, Saul. *The Years of Extermination*. Nazi Germany and the Jews 1939-1945. Nova York: Harper Collins, 2007.

FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende*. Der Westfeldzug 1940. Munique: Oldenbourg, 1996.

OVERY, Richard. *The Battle*. Londres: Penguin, 2000.

SÜSS, Dietmar. *Tod aus der Luft*. Kriegsgesellschaft und Luftkrieg in Deutschland und England. Munique: Siedler, 2011.

VOLKMANN, Hans-Erich; MÜLLER, Rolf-Dieter. *Die Wehrmacht*. Mythos und Realität. Munique: Oldenbourg, 1999.

WETTE, Wolfram; UEBERSCHÄR, Gerd R. (Orgs.). *Stalingrad*. Mythos und Wirklichkeit einer Schlacht. Frankfurt: Fischer, 2003.

Resenha recebida em: 13 de agosto de 2013.

Aprovado em: 25 de setembro de 2013.